

Migrações Fluidas - Marian Starosta

Como aproximar substâncias, a princípio tão distintas, situadas em dois ambientes cujas naturezas também diferem ao extremo? Dois ambientes de exposição funcionando como sala de espera de um consultório dermatológico abre uma questão ainda inédita, creio eu, no sistema de arte Carioca. A confluência e convivência tolerante de duas estranhezas em si: a arte e o saber prático que gira em torno do conceito de um consultório médico. Realidades que apontam para a multifuncionalidade dos espaços, tão recorrentes nos dias de hoje. Imagino que ao tornar a sua recepção em galeria, Cláudia Spínola, a dermatologista, se associou a Marian Starosta, a artista visual, para uma empreitada cujo fim comum, consiste na transformação de um “não lugar” em algo que pudesse em tese, transpor esta condição primeira, para ser um lugar memorial, uma vez que agora nele, ocorrem eventos que escapam da banalidade impessoal e indiferença que se reporta à noção pré-concebida de uma sala de espera. Neste sentido encontro as imagens de Marian transitando também entre diferenças, uma de base política, que se revela no vínculo assumido com o inusitado que reside nesta proposta de galeria e outra cujo viés é poético, enfatizando conexões submersas na imaginação material que circundam o meio líquido e a idéia de mudança.

De que modo uma terna cena de amamentação se ligaria aos cristalinos ambientes aquáticos purificadores oriundos de uma tradição milenar? A princípio esta questão, poderia ser respondida com uma leitura que se baseasse no discernimento das diferentes noções de tempo embutido nos dois espaços da exposição. Em uma primeira sala, podemos observar o instantâneo fotográfico disciplinarmente realizado em lapsos regularmente marcados entre dias e noites. Além de evocar o corpo e a virtude natural do gesto afetivo da transferência do leite que viabiliza a vida do bebe Davi, filho da artista, nesta seqüência fotográfica disposta cronologicamente, Marian suscita também, a sua antítese, ou seja, a idéia de paralisia que se encontra na carga semântica do clique, uma derivação temporal imposta pelo aparelho que mortifica o *continuum* onde a vida acontece, explicitando deste modo a evidencia da finitude das coisas e das pessoas que amamos um gesto que põe a nu, a fragilidade do ser humano e o uso que o mesmo faz da fotografia para enfrentar o tempo e a entropia que nos devora, uma tentativa que demonstra o desejo de eternizar, tornar durável, um momento tão doce e ao mesmo tempo tão finito, talvez ainda vendo por este prisma, a serialização das imagens possa ser percebida como um recurso de compensação à estas questões, uma vez que toda série se inclina para a reconstrução do gerúndio destruído pela realidade da foto. Em uma segunda sala, Imagens de um ambiente líquido e simultaneamente límpido, onde a mulher israelita se banha em um ritual de purificação do corpo, somos conduzidos à noção do mesmo se preparando para uma possível fecundação a posteriori. Marian com suas imagens serenamente azuladas onde as durezas geométricas e materiais dos ambientes sofrem uma deformação visual orgânica provocada pelo movimento da superfície d'água, nos faz esquecer-se da finitude das coisas e indica a potência delas. Neste segundo momento da exposição, o corpo ausente implícito nestas imagens, é celebrado como centro da vida e da energia que nele reside. Fica então evidente a crença de que a vida vence a morte quando se reproduz.

Transpondo os conteúdos e possíveis divagações que as imagens desta exposição permitem, fica, ao todo, uma forte impressão de que neste encontro de situações, a princípio, tão díspares; consultório e galeria, técnica e poesia, duas mulheres, Cláudia Spínola e Marian Starosta, conseguem anular diferenças e viabilizar um espaço possível, onde uma exposição de fotografias introjeta sensibilidade na sala de espera de um consultório que por sua vez, notoriamente publica seu apreço pela arte, na forma da inauguração desta galeria.

João Wesley de Souza - novembro de 2007

